

CONGRESSO DE ESTUDOS QUEIROSIANOS
IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS
ACTAS

VOL. II

Instituto de Língua e Literatura Portuguesas
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
6 a 8 de Setembro de 2000




ALMEDINA

TÍTULO: ACTAS DO CONGRESSO DE ESTUDOS QUEIROSIANOS
IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS

EDITOR: LIVRARIA ALMEDINA – COIMBRA
www.almedina.net
INSTITUTO DE LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LIVRARIAS: LIVRARIA ALMEDINA
ARCO DE ALMEDINA, 15
TELEF. 239851900
FAX 239851901
3004-509 COIMBRA – PORTUGAL
livraria@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA – PORTO
R. DE CEUTA, 79
TELEF. 222059773
FAX 222039497
4050-191 PORTO – PORTUGAL
porto@almedina.net

EDIÇÕES GLOBO, LDA.
R. S. FILIPE NERY, 37-A (AO RATO)
TELEF. 213857619
FAX 213844661
1250-225 LISBOA – PORTUGAL
globo@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA
ATRIUM SALDANHA
LOJAS 71 A 74
PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 1
TELEF. 213712690
atrium@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA – BRAGA
CAMPUS DE GUALTAR
UNIVERSIDADE DO MINHO
4700-320 BRAGA
TELEF. 253678822
braga@almedina.net

EXECUÇÃO GRÁFICA: G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.
PALHEIRA – ASSAFARGE
3001-453 COIMBRA
E-mail: producao@graficadecoimbra.pt

MAIO, 2002

DEPÓSITO LEGAL: 178610/02

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

CAPA: Atelier José Brandão

EÇA DE QUEIRÓS E OS AVATARES DO MELODRAMA

FERNANDO MATOS OLIVEIRA
Universidade de Coimbra

Nascido sob o signo da Revolução, o melodrama tem vivido uma ascensão crítica que deve tanto a essa inspiração democrática quanto ao célebre livro que Peter Brooks lhe dedicou. Deve dizer-se que esta foi uma ascensão que partiu lá muito de baixo, devido aos anticorpos que normalmente rodeiam os objectos conotados com o universo da cultura popular. Ora, nestas questões de genealogia e de reputação, o melodrama não só mantém ligações perigosas com o gosto das massas, como se relaciona ainda com linguagens fundamentalmente extraliterárias, casos do teatro e dos estudos fílmicos, para referir apenas dois exemplos. Por esta razão, num momento em que as leituras apologéticas do melodrama tiveram já o seu tempo, estabelecido que está o seu lugar no campo minado da terminologia crítica, o conceito tem-se revelado particularmente apto para cruzar os territórios da alta e da baixa cultura. Implicar um autor tão central quanto Eça de Queirós na argumentação melodramática não pode, pois, deixar de o obrigar a um diálogo com a escala dos méritos literários¹.

A crítica tem insistido numa formulação adjectiva, preferindo o *melodramático* ao *melodrama*. Não sendo esta exactamente uma distinção categorial, ela enuncia um vínculo *modal* que a universaliza como tradição escrita. Essa formulação abre ainda o melodramático às diversas

¹ O estigma da associação de um autor ao melodramático é assunto recorrente, tendo passado, por exemplo, das leituras de Eric Bentley para as de P. Brooks. Se para o primeiro a má reputação do *melodrama* era a pior coisa que poderia acontecer a uma palavra no mundo da literatura (Bentley, 1982: 186), o segundo avança com uma leitura melodramática da obra de um autor tão significativo como Henry James e trata desde logo de antecipar a *perversidade* que tal associação poderia suscitar na mente do leitor comum: «Este aspecto tem de ser explicitado, pois a inclusão de James numa discussão da imaginação melodramática poderá parecer perversa aos olhos de muitos leitores» (1995: 155).

A FORTUNA ITALIANA DE EÇA DE QUEIRÓS

GUIA BONI
Instituto Oriental de Nápoles

Só em 1913 saiu a primeira tradução italiana de uma obra de Eça de Queirós: *A relíquia* publicada em Portugal 26 anos antes. O inventário das traduções italianas do autor português já foi redigido por Amina Di Munno e saiu nos números 7/8 da revista “Queirosiana”¹ com uma versão actualizada publicada no *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queirós*². Para facilitar a leitura deste texto, junto contudo, em apêndice, uma lista das traduções por mim organizada.

As datas -

O público italiano teve a possibilidade de conhecer a obra Eça de Queirós em tradução a partir de 1913. Relativamente tarde se pensarmos

¹ Amina di Munno, “A fortuna de Eça de Queirós na Itália no decorrer de um século”, in *Queirosiana*. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração, n. 7/8, Dezembro de 1994/Julho de 1995, pp. 23-29. Menos completa relativamente à obra de Eça de Queirós, mas muito útil para uma visão da fortuna da literatura portuguesa na Itália: Jaime Raposo Costa, *Autori portoghesi tradotti ed editi in Italia*. Narrativa Poesia Saggistica (1898-1998), Catalogo ragionato, Roma, Ambasciata del Portogallo, 1999, pp. 31-35. Veja-se também a bibliografia italiana presente no volume José Maria Eça de Queiroz, *Racconti*, introduzione, traduzione e note di Davide Conrieri e Maria Abreu Pinto, Milano, Rizzoli, “Biblioteca Universale Rizzoli”, 2000, pp. 53-58.

² “Eça e a Itália (a fortuna de Eça em Itália no decorrer de um século)”, in *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queirós*, organização e coordenação de A. Campos Matos, Caminho, Lisboa, 2000, pp. 171-174. Lembramos também o verbete, não assinado, presente no *Dicionário de Eça de Queirós* organização e coordenação de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, 1993², intitulado “Eça e a Itália” que não menciona a fortuna do autor português na península, mas a ideia que ele tinha deste país.

na França, na Inglaterra³ ou nos Estados Unidos, por exemplo, onde o *Primo Basílio* foi traduzido em 1886⁴, nos países de língua espanhola onde em 1909 já estavam traduzidos todos os seus romances. Mas, apesar do indiscutível valor do autor e da obra, aqueles eram todos lugares onde Eça de Queirós vivera e trabalhara.

O êxito editorial do autor português na Itália, com um plano de traduções num conjunto organizado, começa verdadeiramente nos anos Cinquenta. Até aí foram publicados *A relíquia* (1913); o conto «O suave milagre» (com três reimpressões: 1919, 1929, 1935); *O Mandarim* (duas edições: 1922, 1944); *A cidade e as serras* (três edições: 1921, 1928, 1937); *O crime do Padre Amaro* (1935) e *O mistério da estrada de Sintra* (1944). O leitor de então tinha uma visão logicamente parcial da obra do autor português, mas contudo podia, apesar da desordem cronológica em que saíram os títulos, saborear os três períodos em que se costuma dividir a obra de Eça de Queirós: o primeiro com o *Mistério*, o segundo com *O crime* e o último com *A cidade e as serras*, além de *A relíquia* e *O mandarim*.

Na segunda metade do século XX foi traduzida praticamente toda a sua obra, excluindo *As farpas*, dirigidas unicamente ao público português, e *A correspondência de Fradique Mendes*, aparecida parcialmente em antologia em 1955⁵.

Diacronicamente os anos mais ricos foram as décadas de Cinquenta e Sessenta e sobretudo a primeira. Cada ano – de 1951 a 1959, excluindo o 1958 – temos pelo menos uma obra de Eça de Queirós publicada. *O Primo Basílio* teve até duas edições em 1952, provavelmente por falta de comunicação entre os editores. No triénio 1952-1954 publicam-se duas edições do *Primo Basílio* e d'*O Mandarim* e, juntando os vários contos saídos singularmente ou em grupo, reconstituímos por inteiro a edição de 1902. E não devemos esquecer os grandes romances que foram publicados sem respeitar a cronologia autorial e editorial portuguesa: antes saiu *O crime do padre Amaro* (1875/1935, 1962), seguido de *A cidade e as serras* (1901/1921, 1928, 1937), *O primo Basílio* (1878/1952, s/d), *A ilustre casa de Ramires* (1900/1954, 1979), *Os Maias* (1888/1956, 1959).

³ “O suave milagre (‘Sweet miracle’) teve de 1904 a 1932 nove edições na Inglaterra”, Ernesto Guerra da Cal, *Língua e estilo de Eça de Queiroz*. Elementos básicos, Coimbra, Livraria Almedina, 1981, p. 43, n. 6.

⁴ Frank F. Sousa, “Eça nos Estados Unidos”, in *O Público*, 20/8/2000.

⁵ “Lo studio delle lingue”, in *Pagine della letteratura portoghese*, a cura di P. A. Jannini, Milano, Nuova Accademia, 1955.

De 1913 até 2000 temos 2 edições de *O mistério da estrada de Sintra*, 2 de *O crime de Padre Amaro*, 2 de *O primo Basílio*, 6 de *O Mandarim*, 4 de *A cidade e as serras*, uma única edição dos contos completos, mas 8 com os contos publicados singularmente ou variamente combinados, 2 de *Os Maias*, 2 de *A ilustre casa de Ramires* e 2 de *A capital*. No total 29 diferentes edições: um número importante, sobretudo não tendo em conta as várias reedições que continuaram a ser publicadas até aos anos Oitenta.

A fortuna editorial

A obra mais editada na Itália foi *O Mandarim*, com seis edições diferentes. Mas há também *A ilustre casa de Ramires* que teve duas edições e 4 reimpressões com diferentes editores e várias soluções editoriais. O exotismo do primeiro livro e o enredo histórico do segundo foram premiados pelos editores italianos e pelo público.

O período áureo de Eça na Itália foi, com já dissemos, o dos anos Cinquenta e Sessenta, onde praticamente toda a sua obra foi publicada *ex novo* pelas mais importantes casas editoras. Naquela altura, o leitor italiano podia ler praticamente a obra completa do escritor português, coisa que hoje, como nas décadas de 80 e 90, já se tornou impossível porque, se excluirmos umas corajosas traduções e reedições, os grandes romances estão esgotados há tempo. Ao lado duma explicação sociológica – os anos Cinquenta e Sessenta, são os anos do após-guerra, do *boom* económico italiano e de uma política cultural, promovida pelas casas editoras, que prevê colecções económicas, mas extremamente cuidadas (como a Biblioteca Universale Rizzoli que ainda hoje existe e que em 2000 publicou a primeira recolha completa dos *Contos*) – há também uma explicação económica: em 1950 decaem os direitos sobre a obra do autor e portanto os seus livros se tornam mais interessantes para os editores estrangeiros. Mas a eclosão de Eça no após-guerra não é fenómeno tipicamente italiano. Ernesto Guerra da Cal nos lembra que o grande interesse para Eça de Queirós explodiu em 1945 quando da comemoração do centenário do nascimento do romancista⁶. Esta eclosão que abraça os dois lados do Atlântico poderia ter influenciado as escolhas editoriais italianas ou, mais simplesmente, numa colecção que abrange clássicos da literatura mundial Eça de Queirós não podia faltar.

⁶ Ernesto Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 42.

Na década de Setenta foi editada só *A ilustre casa de Ramires*. Nos dez anos seguintes *A cidade e as serras* (1981) e entre 1987 e 1988 duas novas edições de *O mandarim*, uma de *A relíquia*, a reedição de *A capital* e de *A ilustre casa de Ramires* e enfim em 1989 (reeditado nos anos seguintes) a segunda tradução de *O mistério da estrada de Sintra*. Chegamos assim aos anos Noventa com dois contos publicados separadamente: «O defunto» e «José Matias». E enfim à viragem do milénio, em coincidência com o aniversário da morte do autor, publicam-se, pela primeira vez, *Os contos* completos e uma recolha composta por «O senhor diabo» (tirado das *Prosas bárbaras*), «Frei Genebro», «Adão e Eva no Paraíso», «A perfeição» apresentados com texto original ao lado da tradução italiana. Uma iniciativa editorial para a prosa portuguesa que fora experimentada, sempre na mesma coleção Lusitana-italica, dirigida por Maria Luisa Cusati, pelo editor de Nápoles Liguori, com *O homem do país azul* de Manuel Alegre.

Este é o itinerário, mas quais as conclusões? Comparando estes resultados com outras realidades⁷ apresentadas por Ernesto Guerra da Cal, reparamos que apesar de chegar tarde nas livrarias italianas, a obra de Eça foi quase inteiramente traduzida com várias edições e teve inúmeras reedições. Atrás dos países de língua espanhola que traduziram tudo e imediatamente, segue Itália que no decorrer de 90 anos se interessou pelo escritor com certa continuidade. Pode ser que a chegada tardia da obra queirosiana foi devida à cautela dos editores italianos que esperaram as traduções e o acolhimento pelo público dos outros países. Contudo Eça de Queirós não é um autor conhecido pelo grande público italiano, como hoje são conhecidos José Saramago ou Fernando Pessoa. Mas é um autor que foi sempre apresentado com grande cuidado. Desde as primeiras edições, de que falaremos mais amplamente depois, as traduções foram acompanhadas por prefácios, notas. Todos os que se debruçaram sobre Eça de Queirós – além de Luciana Stegagno Picchio, Amina Di Munno, Giuseppe Carlo Rossi e Ugo Serani que são especialistas de literatura portuguesa – deram-se conta da importância do autor e sempre quiseram fornecer ao leitor, que porventura, entrava pela primeira vez no universo queirosiano, informações que permitissem situar o escritor. Praticamente não existem traduções sem um prefácio, uma nota, mesmo de uma única página, de introdução ao autor, à época, ao país. Inevitáveis as comparações com autores mais conhecidos pelo público italiano como Flaubert, Dostojévski, Théophile Gautier,

Turghenieff, mas tendo sempre bem presente a identidade do autor português. A partir dos anos Setenta a fortuna editorial de Eça de Queirós começa a esgotar-se. São anos revolucionários, o momento de uma cultura mais nova, jovem. A escolaridade prolonga-se; nasce um novo público que já tem os clássicos em casa e pretende coisas modernas. Eça fica de lado. Na década de Setenta o grande público italiano descobre Fernando Pessoa.

Os editores

Já falamos sumariamente dos editores que publicaram Eça de Queirós. Foram os mais importantes da península: Mondadori, Rizzoli e Einaudi. Mas não citamos o primeiro que em 1913 decidiu apostar sobre o autor português. Aposto que foi repetida, pelo mesmo editor, em 1922 com *O mandarim*. Trata-se de Rocco Carabba de Lanciano⁸. Um pequeno editor, fora do eixo editorial da Itália recém unida que era constituído pelas diferentes capitais que se tinham sucedido: Turim, Florença e Roma. Instalado na pequena cidade de Lanciano, na região dos Abruzzi, Carabba em 1878 começara a publicar textos destinados à escola, mas a partir de 1909 mudou rumo dando à luz algumas colecções que transformaram o panorama cultural italiano e em particular o da Itália do sul, onde um outro editor Laterza (que ainda hoje existe e publica obras de qualidade) movia os primeiros passos guiado pelo filósofo Benedetto Croce. Rocco Carabba não teve a sorte de contar com Croce, mas conseguiu entregar-se ao novo e promotor autor Giovanni Papini. Papini tinha 22 anos quando começou a sua aventura editorial. Era de Florença e já colaborava com várias revistas, sobretudo “La Voce”, revista a carácter político-cultural e que foi particularmente importante para a renovação da cultura italiana do princípio do século. Os colaboradores da revista (entre os quais houve Croce também) queriam ultrapassar o positivismo em filosofia, Carducci e D’Annunzio em literatura, abrir-se à Europa e ao mundo. Carabba e Papini tentaram conseguir estes objectivos através de novas colecções: “La cultura dell’anima” para a filosofia, “Scrittori nostri” para a literatura italiana; “Scrittori italiani e stranieri” e “Antichi e moderni” para se abrir ao mundo. Nesta última série, encontramos *A relíquia* de Eça de Queirós,

⁷ Baseio-me na obra ainda fundamental de Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Apêndice. Bibliografia queirosiana sistemática e anotada, t. I, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975.

⁸ Sobre este editor veja-se o livro de Carmela Pelleriti, *Le edizioni Carabba di Lanciano. Notizie e annali 1978-1950*, Manziana, Vecchiarelli, 1997 e também as *Actas do Congresso a ele dedicado: La casa editrice Carabba e la cultura italiana ed europea tra Otto e Novecento*, a cura di Gianni Oliva, Roma, Bulzoni, 1999.

ao lado de Novalis, Cecov, Puskin, Gogol, Cervantes e Baudelaire. Trata-se sem dúvida de uma colecção prestigiosa, caracterizada, além das escolhas, também pela cuidadosa encadernação (encontrei os dois preciosísimos volumes queirosianos na Biblioteca Alessandrina de Roma ainda em óptimo estado) e o preço acessível. Eça de Queirós é o único escritor de língua portuguesa presente na colecção “Antichi e moderni”, mas na outra: “Scrittori italiani e stranieri” apareceram uma antologia lírica portuguesa e obras de Guerra Junqueiro, Eugénio de Castro, Fidelino de Figueiredo, José Maria Ferreira de Castro⁹. Eça fica insula portuguesa nos autores antigos e modernos de Rocco Carabba, único representante para o passado e o presente.

Uma incursão no paratexto

Os títulos

Sabemos todos que a editoria tem o hábito de mudar os títulos às obras com a intenção de as tornar mais interessantes para o público. A obra de Eça de Queirós sofreu pouquíssimas alterações na Itália, contrariamente a quanto aconteceu na França: *202, rue des Champs Elysées* (A cidade e as serras), ou na Inglaterra *Dragon's teeth* (O primo Basílio). Com efeito os títulos originais eram simples e imediatos e sobretudo os subtítulos dos grandes romances eram explicativos do conteúdo dos livros: *O crime de padre Amaro*: “cenas da vida devota”; *O primo Basílio*: “episódio doméstico”; *Os Maias* “episódios da vida romântica” ficaram os mesmos nas traduções italianas. O único título alterado é o do conto «O defunto», traduzido, quando da sua publicação individual, com *La buonanima*, ainda que em italiano exista o exacto correspondente do substantivo: “il defunto”. *Buonanima*, que nos dicionários é traduzido com *ifalecido*, é sinónimo de defunto e é também a fusão de duas palavras “buona” e “anima”, ou seja, o adjectivo *boa* e o substantivo *alma* e tem

⁹ *Lirici portoghesi moderni*, scelti e tradotti da Luigi Battelli, Carabba, Lanciano, 1929; Guerra Junqueiro, *La morte di D. Giovanni*, traduzione e introduzione di F. Persona, 1918; Eugénio de Castro, *Costanza*, Poema, traduzione di G. Agenore Magno, 1930; id., *Salomé – Il re Galaor*, traduzione di A. Padula, 1930; Fidelino de Figueiredo, *Sotto le ceneri del tedio*. Romanzo di una coscienza, traduzione di Clara Bartolomei, 1931; Eugénio de Castro, *Lianello di Policrate*, Poema drammatico, traduzione di A. Padula, 1934; José Maria Ferreira de Castro, *Emigranti*, Romanzo, traduzione di A. Radames Ferrarin, 1937. Todas estas informações são tiradas de Carmela Pelleriti, *Le edizioni Carabba di Lanciano*.

uma conotação familiar de carinho e respeito. Talvez o editor italiano, Einaudi, tentou uma operação editorial de exorcismo. Ainda mais fantástico e sinistro o título que foi dado, sempre ao mesmo conto, pela editora Lindau em 1992: *Il colle degli impiccati*, “O morro dos enforcados”. Uma outra mutação, mas esta facilmente compreensível refere-se ao título póstumo e genérico *Contos*. A última tradução deste ano guardou o título original – *Racconti* –, enquanto as duas precedentes edições, ambas de 1953, optaram para o título do conto que abria os volumes: *Stranetze di una ragazza bionda ed altri racconti* e *Una strana ragazza bionda*. A escolha é compreensível porque os dois volumes não apresentam todos os contos, no primeiro é excluído «José Matias» (que foi editado dois anos antes na tradução de Luciana Stegagno Picchio e que o organizador Camillo Berra considerou de “interesse puramente local”) e pratica-se uma discutível operação editorial em «Um poeta lírico», onde foram suprimidas umas frases por causa “do seu realismo brutal”. No segundo volume desde o título se eliminam as “singularidades” e do *corpus* original de 1902 ficam somente quatro contos («Singularidades de uma rapariga loura», «Civilização», «O defunto», «José Matias»). Escolha que o organizador, Mario Puccini, não explica.

As raízes das escolhas

Examinando o elenco das traduções italianas é lógico perguntar-nos por que o editor Carabba escolheu, entre tantos, dois títulos como *A relíquia* e *O mandarim* para introduzir o escritor português na Itália. Foi provavelmente uma questão de tamanho (para este primeiro título o editor teve que fazer dois volumes). As de Carabba eram, apesar do cuidado editorial, edições económicas e para o editor era difícil suportar as despesas necessárias para um romance mais comprido (*O primo Basílio* saiu na colecção BUR em 4 volumes). Mas, além dos motivos económicos, temos também a impressão que a escolha da *Relíquia* – com uma cuidadosíssima apresentação de Luigi Siciliani na qual o autor demonstra um saber pontual e profundo não só da obra de Eça, mas da cultura portuguesa da época¹⁰ – tem a ver com o êxito internacional da obra: trata-se do livro de

¹⁰ Sempre relativamente à *Relíquia* há um compridíssimo e doutíssimo artigo de Giuseppe Borgese, “La relíquia di Eça de Queiroz” in *Studi di letteratura moderna*, Milano, 1915. Borgese foi também director de várias colecções entre as quais “Antichi e moderni” que publicou *La relíquia* (1913) e *O mandarim* (1922) e “Biblioteca romantica” de Mondadori onde saiu *La colpa del prete Amaro*, 1935.

Eça de Queirós mais traduzido. E na verdade, *A relíquia* e *O mandarim* são os dois títulos mais internacionais, menos ligados ao mundo estritamente português, como «O suave milagre» que, não por acaso, se coloca entre os dois na lista das traduções italianas.

As traduções têm sempre destino próprio, independente da obra original. A descoberta *a posteriori* de um autor, a sua apresentação a um público estrangeiro é outro caminho, outra evolução, outra história. E apesar da boa vontade dos editores é difícil superar a inevitável entropia entre o original e a tradução.

Por isso quero concluir com a frase com que Luigi Siciliani acaba o seu prefácio à tradução italiana da *Relíquia*: “Desejo que a obra de Eça de Queirós e o seu nome sejam conhecidos na Itália. Estamos cansados, cansadíssimos de Paris e das monótonas capitais com seus bobos insensíveis! Vamos à província para nos fortalecer e descansar. Não é Portugal uma província do nosso mundo latino?”¹¹.

Não sei se Eça teria gostado deste final, ele que trabalhou a vida inteira para aproximar Portugal das “monótonas capitais” e afastá-lo da província.

O mistério da estrada de Sintra, 1870

– *Il mistero della strada di Cintra*: romanzo, Firenze, Cianferoni, 1944;

– *id.*, a cura di Amina Di Munno, Sellerio, “La memoria”, 1989, 1990², 1991³;

O crime do Padre Amaro, 1875

– *La colpa del prete Amaro*, trad. di Giacomo Prampolini, Milano, Mondadori, “Biblioteca romantica”, 1935, 1945², 1969⁴;

– *La colpa di Don Amaro*, trad. di Laura Marchiori, Milano, Rizzoli, “Biblioteca Universale Rizzoli”, 1962;

O primo Basílio, 1978

– *Il cugino Basilio*, trad. di Bernardo Crippa, Milano, Rizzoli, “Biblioteca Universale Rizzoli”, 419-422, 1952, 1955;

¹¹ “E per questo io desidero che sua opera e il suo nome siano noti in Italia. Siamo stufi, arcistufi, di Parigi e delle sue capitali monotone coi loro pagliacci insensibili e le smorfie dei loro buffoni! Andiamo in provincia per rinfrancarci e riposarci! Non é forse il Portogallo una provincia del nostro mondo latino”, Luigi Siciliani, “Eça de Queiroz e la sua opera”, in Eça de Queiroz, *La relíquia*, vol. I, Lanciano, Carabba, 1913, p. 17. A trad. portuguesa é minha.

– *id.*, introd. e trad. di Laura Marchiori, Milano, Mondadori, 1952;
– *Il cugino Basilio: romanzo*, trad. integrale e note di Laura Marchiori, Milano, Perinetti, s/d;

O mandarim, 1880

– *Il mandarino*, introd. e trad di Giulio de Medici e G. Beccari, Lanciano, Carabba, “Antichi e moderni”, 1922;

– *id.*, trad. di Silvio Ranioli, a cura di Salvatore De Carlo, Roma, De Carlo, “Biblioteca De Carlo”, 1944;

– *id.*, trad. di Laura Marchiori, Milano, Rizzoli, “Biblioteca Universale Rizzoli”, 1953;

– *Il mandarino cinese*, trad. di Anonimo¹², Firenze, Salani, 1954;

– *id.*, pref. e trad. di Amina Di Munno, Roma, Lucarini, “Classici del ridere”, 1987;

– *Il mandarino, seguito da La buonanima* [+ «O defunto», tirado de *Contos*, 1902], a cura di Paolo Collo, Torino, Einaudi, “gli Struzzi”, 1988, 1999²;

A relíquia, 1887

– *La relíquia*, trad. di Paolo Silenziario con una notizia di Luigi Siciliani, Lanciano, Carabba, “Antichi e moderni”, 1913;

– *id.*, trad. e cura di Amina Di Munno, Roma, Lucarini, “Classici del ridere”, 1988;

Os Maias, 1888

– *I Maia*, a cura di Enrico Mandillo, “I grandi maestri”, Roma, Casini, 1956; reed. Firenze-Roma, 1964; “I grandi classici della letteratura straniera”, Milano, Fabbri, s/d; Milano, Fratelli Melita, 1987;

– *I Maia*. episodi della vita romantica, trad. di Laura Marchiori, Milano, Rizzoli, “Biblioteca Universale Rizzoli”, 1959;

A illustre casa de Ramires, 1900

– *L'illustre casata Ramires – La capitale*, trad. rispettive di Enrico Mandillo e Laura Marchiori, Roma, Casini, “I grandi maestri”, 1954, 1966; reed. Firenze-Roma, 1964; Milano, Fabbri, s/d; Milano, Fratelli Melita, 1987;

¹² Escreve Ernesto Guerra da Cal: “sin nombre del traductor. Es obra del prof. G. Tavani” in *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, op. cit.

- *L'illustre casata Ramires*, trad. di Enrico Mandillo, Firenze, Sansoni, "Classici Sansoni", 1963; [reed da precedente sem introd.]
- *L'illustre casata Ramires*, trad. di Enrico Mandillo, introd. di G. C. Rossi, Roma, Casini, "I grandi maestri", 1966; [reed. da ed. de 1954]
- *L'illustre casata Ramires*, trad. di Giuliana Segre Giorgi, nota di Angela Bianchini, Roma, Curcio, "I classici della narrativa", 1979;
- *id.*, trad. di Enrico Mandillo, "Capolavori della narrativa", Novara, Istituto Geografico De Agostini, 1984;

A cidade e as serras, 1901

- *La citt... e le montagne*, trad. di Giulio De Medici, Firenze, Batti-telli, 1921;
- *id.*, trad. di Giulio De Medici, Venezia, La Nuova Italia, 1928;
- *id.*, a cura di Camillo Berra, Torino, Utet, "I grandi scrittori stranieri", 1937, 1944, 1952; reed. com introd. de Maria Helena Maria Esteves, 1981;
- *id.*, trad. di Nicoletta Vincenti, Verbania, Tarar..., 1999;

Contos, a cura di Luís de Magalhães, 1902

- *Il soave miracolo* [«O suave milagre»], trad. di G. Maranca, Venezia, La Nuova Italia, "Lucciole", 1919, 1929, 1935;
- *Giuseppe Matias* [«José Matias»], in *Le piu belle novelle dell'Ottocento*, vol. I, trad. di Luciana Stegagno Picchio, Roma, Casini, 1951, 1954, 1957, pp. 1175-1192;
- *Stranezze di una ragazza bionda e altri racconti* [sem "José Matias" e "Um poeta lírico"], a cura di Camillo Berra, Torino, Utet, "I grandi scrittori stranieri", 1953;
- *Una strana ragazza bionda* ["Singularidades de uma rapariga loira"; "Civilização", "O defunto", "José Matias"], a cura di Mario Puccini, Milano, Universale Economica, 1953;
- *Il mandarino, seguito da La buonanima* [*O mandarim*, 1880; "O defunto"], a cura di Paolo Collo, Torino, Einaudi, "gli Struzzi", 1988;
- *José Matias* [«José Matias»], trad. e pref. di Luciana Stegagno Picchio, Milano, Tranchida, "Il bosco di latte", 1992;
- *Il colle degli impiccati* [«O defunto»], a cura di Giuliana Segre Giorgi, Torino, Lindau, "La nuova letteratura", 1992;
- *Racconti* ["Singularidades de uma rapariga loira", 1874; "Um poeta lírico", 1880; "No moinho", 1980; "Outro amável milagre",

- 1885; "Civilização", 1892; "Tema para versos", 1893; "As histórias. O tesouro", 1894; "As histórias. Frei Genebro", 1894; "O defunto", 1895; "Adão e Eva no Paraíso", 1896; "A perfeição", 1897; "José Matias", 1897; "Um milagre", 1897; "O suave milagre!", 1898, em apêndice "Un altro amabile miracolo" e "Un miracolo"] introd, trad. e note di Davide Conrieri e Maria Pinto de Abreu, Milano, Rizzoli, "BUR Classici", 2000;
- *Racconti esemplari* ["O senhor diabo", "Frei Genebro", "Adão e Eva no Paraíso", "A perfeição"], a cura di Ugo Serani, Napoli, Liguori, 2000;

A capital, 1925

- *La capitale*, [+ *L'illustre casata Ramires*] trad. di Laura Marchiori, introd. di G. C. Rossi, Roma, Casini, 1954, 1966, 1987;
- *id.*, trad. di Laura Marchiori, Milano, Rizzoli, "Biblioteca Universale Rizzoli", 1955.